

A AUDIODESCRIÇÃO DE FILMES DE ARTE: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO DE O GRÃO

AUDIO DESCRIPTION OF ART FILMS: A STUDY ON THE RECEPTION OF O GRÃO (THE GRAIN)

Klístenes Bastos Braga
Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Vera Lúcia Santiago Araújo
Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Jefferson Fernandes Alves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou a recepção de um grupo de pessoas com deficiência visual à versão audiodescrita do filme *O Grão* (2007). O filme conta a história de uma família no sertão nordestino, que sobrevive com dificuldades. Possui uma narrativa mais frouxa, com poucos diálogos, muitos planos fixos e tomadas contemplativas. Diante da constatação de que o filme de arte é um desafio até para quem enxerga, exibimos a audiodescrição de *O Grão* para quatro participantes, dos quais dois com deficiência visual total de nascença e dois com baixa visão. Utilizamos como instrumentos de pesquisa um questionário pré-coleta, o qual definiu o perfil dos participantes, um relato livre dos participantes, que investigou sua compreensão do filme, e um relato guiado, que tratou de questões voltadas para a avaliação dos elementos narratológicos do roteiro. Os resultados apontaram para a eficácia da audiodescrição na promoção de acessibilidade de pessoas com deficiência visual ao filme em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade; Audiodescrição de Filmes; Deficiência Visual; Tradução Audiovisual

ABSTRACT: This article aims at presenting the results of a research that investigated the reception of a group of people with visual impairment to the audiodescribed

version of the film *O Grão* (The Grain, 2007). The film tells the story of a family in the Brazilian Northeastern sertão, who survives with difficulties. It has looser narrative, with few dialogues, many fixed plans and contemplative takes. Faced with the realization that art film is a challenge even for seeing viewers, we exhibited the audiodescription of *The Grain* for four participants, two with inborn visual disability and two with low vision. We used as a research instrument a pre-data collection questionnaire, which defined the participants' profile, a free recall protocol, which investigated their understanding of the film, and a guided recall protocol, which dealt with questions focused on the evaluation of the narratological elements of the script. The results pointed to the effectiveness of audio description in promoting the accessibility of visually impaired people to the focused film.

KEYWORDS: Accessibility; Audiodescription of Films; Visual Disability; Audiovisual Translation

1. INTRODUÇÃO

O filme *O Grão* (2007) de Petrus Cariri conta a história de Perpétua, uma velha senhora que, sentindo a presença da morte, resolve preparar seu neto Zeca para a separação que se aproxima, contando-lhe a história de um rei e uma rainha, muito ricos e poderosos, que perderam o único filho e querem trazê-lo de volta à vida por meio da descoberta do grão da vida. O enredo se desenrola no sertão nordestino, onde Damião e Josefa, pais de Zeca, sobrevivem com dificuldades trabalhando duro para sustentar a família.

O filme possui uma estética diferenciada. Ao invés da narrativa linear, na qual todos os elementos são encadeados em torno de um conflito cujas respostas serão dadas no final do filme, *O Grão* se desenrola lentamente com uma narrativa mais frouxa. Tem poucos diálogos, muitos planos fixos e tomadas contemplativas. O filme é composto de vários trechos longos, a maioria sem uma trilha sonora extra-diegética⁸⁸. Distancia-se, portanto, da narrativa clássica, típica do cinema de Hollywood, e se aproxima do que Vanoye e Goliot-Lété (1992, p. 35) chamam de narrativa moderna ou do chamado cinema de autor, muito recorrente nos filmes ditos de arte.

Foi diante da constatação de que o filme de arte é um desafio até para quem enxerga, que empreendemos a audiodescrição (AD) da referida produção audiovisual. A audiodescrição é uma modalidade de Tradução Audiovisual (TAV) que tem como objetivo descrever os elementos visuais para que pessoas cegas e com baixa visão tenham acesso a filmes, peças de teatro, obras de arte, espetáculos ao vivo, etc. As principais questões que nortearam a pesquisa foram: Até que ponto pessoas com deficiência visual (PcDV) poderiam desfrutar deste tipo de filme? Que elementos precisariam ser descritos para que atingíssemos este objetivo? O Diretor nos cedeu os direitos para que o tornássemos acessível para exibição no XIX Cine Ceará, em 2009, e numa mostra de filmes acessíveis intitulada *Ouçó por que vejo, vejo porque ouço*. Além disso, o filme fez parte de um projeto intitulado DVD Acessível, no qual foram traduzidos alguns filmes por meio da audiodescrição, legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e Janela de Libras.

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou a recepção de um grupo de pessoas com deficiência visual ao referido filme. Além desta introdução, é composto de mais quatro seções. Na primeira, serão apresentados os pressupostos teóricos relacionados à AD de filmes; na segunda, os procedimentos metodológicos; na terceira, os resultados da pesquisa; na última, as principais conclusões.

⁸⁸ Sons que foram adicionados ao filme, como uma música-tema, por exemplo. No *O Grão*, só acontece no final do filme para anunciar a morte de um personagem. O restante são sons do filme, como o barulho de uma motocicleta, pássaros cantando etc.

2. A AUDIODESCRIÇÃO DE O GRÃO

AD de filmes envolve a elaboração, revisão e locução de um roteiro (SEOANE, 2013; BRAGA, 2011 e 2013). Essa locução será depois mixada ao som original do filme. Segundo Jimenez-Hurtado e Jimenez-Hurtado *et all* (2010, p. 70), a estrutura narrativa de roteiro de AD deve ser pensada em três níveis: o narratológico, o cinematográfico ou da linguagem da câmera e o gramático-discursivo. O nível narratológico relaciona-se à elaboração das inserções de AD de um roteiro. O conteúdo é voltado para a descrição de elementos visuais verbais e não-verbais. Os elementos visuais verbais são textos escritos diegéticos (fazem parte do filme) e não diegéticos (são externos ao filme). Dentre esses elementos, podemos citar legendas, os créditos iniciais e finais e o logotipo dos produtores. O Quadro 01 traz um exemplo desses elementos visuais verbais:

Nº ordem	TCR ⁸⁹	Descrição
1	00:00:00,000 - 00:00:04,597	Ministério da Cultura. Secretaria do Audiovisual. Filme contemplado no edital de filmes de baixo orçamento 2006/1.
2	00:00:05,654 - 00:00:10,717	Logotipo do Governo Federal. Letras coloridas dispostas formando o nome Brasil um país de todos.
3	00:00:12,552 - 00:00:18,579	Filme contemplado no concurso de apoio financeiro a projetos de longa-metragem da ANCINE.
4	00:00:20,145 - 00:00:25,376	Apoio cultural: Link Digital e Quanta.
5	00:00:27,126 - 00:00:32,790	Iluminura Filmes apresenta.
6	00:00:35,881 - 00:00:44,381	O Grão.

Quadro 01: Elementos visuais verbais do filme *O Grão* (2007). **Fonte:** Braga, 2013, p. 91.

O quadro mostra parte dos créditos iniciais do filme. As três primeiras são referentes aos patrocinadores, em seguida, os apoios culturais e, por fim, a produtora e o título do filme.

Os elementos visuais não-verbais são divididos em três: a descrição de personagens, da ambientação e das ações. No que diz respeito aos personagens, geralmente, são descritos os atributos físicos (idade, etnia, aspecto, vestuário, expressões faciais e linguagem corporal. Além disso, os estados emocionais (emoções positivas e negativas), físicos e mentais são também descritos. O personagem Zeca de *O Grão* é assim descrito segundo Braga (2013):

⁸⁹ TCR: Time Code Reader (Leitor dos tempos do filme). A coluna traz os tempos iniciais e finais de cada inserção de audiodescrição.

Nº ordem	TCR	Descrição
18	00:02:49,707 => 00:02:56,228	Um menino moreno de cabelos curtos, sem camisa e com água na cintura segura uma vara.
79	00:18:10,098 => 00:18:20,417	Na estrada, Zeca , de perfil, caminha com a caixa em uma das mãos e o cachorrinho na outra. Usa camisa marrom de mangas curtas . A vegetação é seca e cinzenta.
222	01:02:56,405 => 01:03:04,836	As mãos de Zeca cortando uma folha seca preenchem a tela. Ele usa calção verde e está sem camisa. Seus braços estão sujos .
223	01:03:28,594 => 01:03:35,397	Lentamente seu rosto é mostrado. Ele tem cabelos e olhos pretos .
259	01:16:58,499 => 01:17:08,118	As crianças estão sentadas em cadeiras de madeira. Zeca usa um chapéu verde . A professora volta e distribui ovos coloridos.

Quadro 2: Descrição do personagem Zeca. **Fonte:** Braga, 2013, p. 142

Os espaços em silêncio não permitem ao audiodescritor descrever os personagens de uma só vez como acontece nos romances. As lacunas deixadas para a inserção da AD podem não disponibilizar o tempo necessário para que essa descrição seja feita. No caso em questão, temos a descrição de aspectos físicos e do vestuário de Zeca que vão sendo revelados em certos momentos do filme, compondo com a cena. Braga (2013) nos esclarece mais a esse respeito:

Os personagens não foram descritos de uma vez só, como num conto ou romance. Seu perfil vai sendo traçado ao longo do filme. Aos poucos, o expectador vai ouvindo pequenos detalhes singulares de cada um deles, tais como o modo de vestir, a reação diante de uma determinada situação, algumas características físicas etc. Vale ressaltar, ainda, que a construção da imagem dos personagens por parte dos participantes se faz por meio de um misto de informações contidas no roteiro e nos diálogos. (BRAGA, 2013, p. 142)

O segundo elemento visual não-verbal é a ambientação. Nela são contemplados a localização (espacial e temporal), assim como a descrição de espaços internos e externos. O ambiente também pode ajudar na caracterização dos personagens, como aconteceu em *O Grão*:

Pelas inserções, pode-se ter uma ideia da situação de pobreza em que vive o menino, já que ele aparece quase sempre sem camisa, com a mesma roupa ou sujo de terra. Também o ambiente em que vive colabora para a sua caracterização, pois mostra as condições precárias de subsistência que aquele lugar tão longínquo oferece. (BRAGA, 2013, p. 142.)

Podemos observar que o ambiente em que vive Zeca pode mostrar a aridez presentes em alguns personagens ou estabelecer o contraste entre essa aridez e o afeto existente entre o menino e sua avó.

Sertão. A paisagem é seca e há duas árvores ao fundo. Atrás delas há uma cerca de pau-a-pique. Bodes caminham perto das árvores. Ao longe, o pai tange os animais. (BRAGA, 2013, p. 143.)

Finalmente, temos a audiodescrição das ações. Aqui se localiza o volume maior de inserções, já que facilita o acesso ao enredo do filme. Essas inserções não aparecem isoladas umas das outras. É só conferir no Quadro 2, o qual vemos que todas as descrições trazem um pouco da história do filme, ou seja, as ações estão presentes.

Quando ao segundo nível da estrutura narrativa, o cinematográfico ou da linguagem da câmera, as escolhas do Diretor relacionadas aos ângulos de câmera, planos, sequências e iluminação dizem muito a respeito do filme e colaboram para que o espectador faça suas inferências sobre o enredo (MASCARENHAS, 2013, p. 2016).

Quanto ao terceiro nível, o linguístico-discursivo, a linguagem utilizada deve estar em consonância com o gênero cinematográfico. Por exemplo, para o roteiro da AD de um filme de suspense, Mascarenhas propõe a escolha de itens linguísticos que revelem os recursos utilizados pelo diretor. O *corpus* escolhido foi a minissérie do gênero policial Luna Caliente exibida na TV em 1999. Para dar destaque aos personagens (Focalização) em cenas de suspense, existe uma “... tendência ao uso de planos subjetivos, construindo a percepção do agressor sobre a vítima ou sobre o cenário do crime.” Nesses casos, no roteiro aparecem mais verbos de percepção ou sinestésicos (2013, p. 195).

Os únicos elementos abordados na pesquisa de recepção foram os narratológicos, pois, segundo nossa visão, são aqueles que nos permitiram avaliar se o roteiro elaborado para o filme estava adequado para o acompanhamento de um filme de arte.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta dos dados foi realizada individualmente no Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) da UECE, fazendo parte do Projeto de Cooperação UECE-UFGM (PROCAD) e das pesquisas sobre audiodescrição realizadas pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da UECE. Ela consistiu na avaliação da recepção de quatro participantes ao filme, dos quais dois com deficiência visual total de nascença e dois com baixa visão. Foram consideradas duas variáveis, o tipo de deficiência e o gênero do filme. No que diz respeito à primeira variável, buscou-se verificar se haveria diferenças na recepção do filme pelos dois grupos, porque se esperava que aqueles com deficiência visual de nascença tivessem mais dificuldades por conta da falta de referências visuais estocadas na memória. Quanto à segunda, pretendeu-se verificar se um filme de

arte, lento, com ações contidas, poucos diálogos, personagens não-glamorosos poderiam ser apreciados por pessoas com deficiência visual.

Os quatro participantes foram convidados pessoalmente, mediante assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido que atende às exigências para o tipo de pesquisa executada de caráter descritivo-exploratória, envolvendo seres humanos, tendo-se como critério de seleção perfis homogêneos, ou seja, nível de escolaridade, grau de familiaridade com filmes e tipo de deficiência visual semelhantes. O sexo do participante não era fator essencial para esta pesquisa, bem como a faixa etária, uma vez que o perfil procurado era de espectadores com deficiência visual que costumassem ir ao cinema, em virtude do tipo de filme estudado. Eles foram então divididos em dois grupos, cada um com dois participantes, agrupados pelo tipo de deficiência visual. O primeiro grupo, nomeado G1 (grupo 1), inclui os participantes que perderam a visão ao longo da vida e hoje possuem baixa visão (P1 e P2), e o segundo, nomeado G2 (grupo 2), aqueles cuja deficiência na percepção visual é total e congênita (P3 e P4).

Estavam previstos oito participantes, quatro em cada grupo. Porém, durante o processo de seleção, fez-se necessária uma redução, em virtude da dificuldade em encontrar participantes de acordo com a homogeneidade exigida pelo perfil delineado. Além disso, no decorrer da pesquisa, dois deles dormiram durante a sessão do filme e, portanto, tiveram que ser descartados, e outros dois desmarcaram as datas agendadas para a realização da coleta de dados e jamais confirmaram novas datas.

Foram construídos três protocolos de pesquisa. O primeiro foi resultante de um questionário pré-coleta, o qual definiu o perfil dos participantes. O segundo, chamado de relato livre, investigou a compreensão das PcDVs ao filme. Ao final da exibição, eles falavam livremente sobre o roteiro do filme. O terceiro, o relato guiado, tratava de questões voltada para a avaliação dos elementos narratológico do roteiro. A análise foi realizada a partir da triangulação dos dados desses protocolos, levando em conta o perfil de P1, P2, P3 e P4.

4. A RECEPÇÃO DE CEGOS A O GRÃO

Os resultados serão apresentados a partir da percepção de cada um dos membros do grupo sobre o enredo (as ações), os personagens e a ambientação.

4.1. ENREDO

No que diz respeito ao enredo, os participantes do G1 mostraram que a AD possibilitou que os dois acompanhassem o filme. P2 narrou a história de acordo com a ordem dos acontecimentos, enquanto P1 destacou suas inferências sobre o filme, fazendo uma análise sobre que questões foram discutidas no filme.

O que mais me focou foi a questão de... enfim, várias questões, mostrar a realidade da vida no campo... uma pessoa já bem experiente, que era a avó, tentando passar pruma criança como era a realidade da vida, que existem pessoas que estão se preparando, sonhando com a felicidade como tem outras que estão partindo e que todo mundo vai passar por isso independente de morar no campo ou na cidade. (P2)

O filme fala sobre uma família do interior do Ceará, uma família que passa dificuldade onde uma moça ela está prestes a casar e mudar pra capital... de Fortaleza... os pais dela, pelo que se vê do filme, eles não estão muito contentes com ela ter que mudar e ela sair de casa assim tão nova e ter que vir pra Fortaleza pra poder ter uma... pegar uma condição de vida. O filme também mostra um menino, ele é muito pegado à avó e ele também ajuda em casa... ele é tão pegado à avó que a gente vê que ele consegue... ele pega uma maçã que cai... das várias maçãs ele pega uma sem que a pessoa que derrubou as maçãs veja e ele traz... e ao invés de ele comer a maçã sozinho ou compartilhar com as outras pessoas da casa, ele vai dividir essa maçã junto com essa vó dele, que a qual conta muitas histórias... que ela conta a história de um príncipe, um rei que era casado, que encontra uma moça e casa e eles queriam ter um filho que tem um filho e esse filho vem, enfim, enquanto ela conta essa história no decorrer do filme mostra que ela está muito debilitada devido a idade e pela condição financeira deles não conseguem comprar os devidos medicamentos que ela precisa e em meio a essa dificuldade no final do filme ela é recolhida por uma ambulância para um hospital e o menininho, um dos personagens do filme, pergunta ao pai dele se a vó dele vai voltar e quando ele chega na sala o pai dele está brincando com um brinquedo típico do sertão, um bonequinho com as asas, você vai mexendo as asas e o bonequinho vai se movendo, o pai diz que aquele bonequinho ele ajuda a pessoa a se distrair e o filho volta a perguntá-lo e ele vai e entrega...fica calado, fica olhando para o menino...e entrega aquele bonequinho. O filme mostra também a vegetação nativa da região, mostra o barco encalhado, coisas que se não tivesse a audiodescrição não daria pra ver porque são coisas que o filme em si não é narrado. (P1)

P2 teve mais dificuldades para relacionar os diversos acontecimentos, mas mesmo assim se posicionou sobre a história, mostrando que a AD possibilitou também que ele fizesse inferências.

Eu gostei da história porque retratou o mundo do nordestino mesmo, o nordestino sertanejo. Saiu um pouco dessa rotina da capital, filmes que só falam de coisas da capital. O filme ele mostra um pouco do que acontece, da dificuldade das pessoas assim que vivem em lugares mais pobres. (P2)

Os participantes do G2 foram mais sucintos em suas descrições, mas fizeram comentários sobre a audiodescrição. P3 percebeu o papel da audiodescrição na recepção de um filme, ressaltando a possibilidade que o recurso dá para que ele possa fazer sua leitura do filme e entender os recursos cinematográficos. Ele gostaria até que tivéssemos incluído uma informação que só aparece na AD espanhola (BALLESTER, 2007): dizer o nome do ator ou da atriz que interpreta o personagem.

Se eu tivesse assistido a esse filme sem audiodescrição, principalmente um filme desse que ele é bem mais visual, tem muito pouco diálogo, eu teria entendido a história? Teria. Mas tem coisas que iam passar despercebidas pra mim que tornaram o filme muito mais rico. Acho que isso em qualquer filme acontece, por exemplo, numa história dessa que é uma história triste, tem coisas que se eu não soubesse acho o filme que não me tocava tanto como me tocou. Se você vai assistir uma comédia, você vai entender, você vai rir, mas tem coisas que você, se você souber o que é que tá acontecendo, vai se tornar muito mais engraçado... os detalhes. Enriquece o filme. Não é que seja essencial, uma coisa que se eu não tiver eu não vá entender. Eu vou, mas o filme se torna muito mais rico pra mim com ela. (P1)

Pena que só não tem... não dá pra saber quem é quem nesse filme aí. Não tem música, não dá pra dizer qual ator é cada personagem. Porque muitos filmes que vem já... tudo bem que pelas vozes você até talvez descubra, mas... Porque geralmente quem enxerga faz essa associação... Fulano de tal é aquele que fez o personagem X, fez o personagem Z... Porque às vezes coisas mais comerciais, tipo Globo e companhia limitada, você sabe porque são vozes caricatas, você sabe na maioria das vezes quem é quem. Quando é o filme português não, talvez dê pra você facilitar, mas dublador eu fico doidim porque tem dublador que narra uma porrada de filmes que passa na Globo. Então, nem sempre... você pode até ter a falsa impressão que é o mesmo ator porque é a mesma voz, mas não é. (P3)

Não conseguimos vislumbrar comportamentos que seriam peculiares à PcDVs no que diz respeito à recepção deste tipo de filme. Também não vimos diferença entre os dois grupos. Evidentemente que são poucos participantes para termos respostas conclusivas. Vejamos agora a opinião dos participantes sobre a AD dos personagens.

4.2. PERSONAGENS

Em se tratando dos personagens, os participantes de ambos os grupos apontaram várias características de cada personagem, revelados de acordo com a narrativa do filme, sem que houvesse a necessidade de antecipação dos nomes

próprios ou seu papel na trama, uma vez que quase todos os personagens só eram nominados a partir da metade da história. Por meio do relato retrospectivo, P2 destaca o momento em que Zeca divide a maçã com a avó, uma ação minimalista em que não há diálogos que possam dar pistas ao espectador com deficiência visual.

[...] ao invés de ele comer a maçã sozinho ou compartilhar com as outras pessoas da casa, ele vai dividir essa maçã junto com essa vó dele. (P2)

Outros momentos em que se percebe como a audiodescrição possibilitou o acesso dos espectadores com deficiência visual às ações dos personagens são indicados também por P2.

[...] quando ele chega na sala o pai dele está brincando com um brinquedo típico do sertão, um bonequinho com as asas, você vai mexendo as asas e o bonequinho vai se movendo. (P2)
O personagem mais interessante do filme é o menininho, sempre que ele anda ele leva aquele cachorrinho dele dentro da caixa, ele nunca separa daquele animalzinho de estimação. (P2)

Em seu relato retrospectivo, P3 confirma que a audiodescrição foi essencial para que pudesse despertar uma enorme empatia pelo Zeca. Em seu depoimento, ele detalha os comportamentos do personagem que o tornam um menino especial.

O Zeca eu achei um barato, esse moleque é muito esperto é dócil, é uma criança super dócil, apesar de não falar muito, talvez sem a audiodescrição seria um personagem bem despercebido pela pessoa cega. Agora com a audiodescrição o Zeca ganhou uma relevância do caramba, pra gente saber que ele faz, porque às vezes ele não fala, mas pelos atos dele, pela forma de ele ser, ele desperta assim um carinho imenso, pelo menos em mim. (P3)

P3 ainda destacou o carinho entre Fátima e Josué, seu noivo, apesar de ambos não trocarem muitas palavras.

Ele [Josué] mal aparece, ele mal se manifesta uma posição sobre qualquer coisa. Claro que eu noto um carinho muito grande dele com ela, quando a Fátima tá na oficina das bicicletas ou então tá passeando com ele de mobilete. (P3)

Para P4, a personalidade dos personagens se apresentou pela forma como eles se relacionavam uns com os outros. Estas inferências foram possíveis pela audiodescrição, já que a comunicação verbal entre eles era muito rara.

Sei lá, eles não são muito de falar, de conversar, né? E a única pessoa que conversava com ele era a avó que no final do filme morre. São muito frios, pelo menos parece. (P4)
Porque ele [Pai] é muito... sei lá, pelo menos aparenta ser meio insensível. (P4)

Quando perguntados no relato guiado se haviam identificado os personagens do filme por meio da audiodescrição, todos responderam que sim. Esta unanimidade corroborou com os relatos descritos acima, com destaque para P4, que teceu comentários precisos sobre como se deu essa identificação.

Sim, a audiodescrição ajudou, mas a gente se localiza mais pelos diálogos, mas apesar de que esse filme não tem muito diálogo... realmente importou porque quando tá passando uma cena que o Zeca era o centro, o foco da cena, então a gente se orienta pela audiodescrição, com certeza, se não fosse isso, se tivesse o Mu [O cachorro de Zeca] lá dormindo do lado da cama, eu jamais iria saber que era o Zeca que tava dormindo lá. (P4)

Diante de cada relato e/ou resposta complementada por comentários, cada participante expressou de maneira clara suas percepções congruentes com o que se vê nas imagens. Embora se trate de uma amostra pequena, é possível vislumbrar a perspectiva de que tanto os espectadores com deficiência visual total e congênita, quanto aqueles com baixa visão, acessaram os personagens de *O Grão* de igual pra igual. Por fim, contemplaremos a seguir a opinião dos participantes sobre a AD da ambientação.

4.3. AMBIENTAÇÃO

No filme de Petrus Cariry, há predominância de descrições da localização espacial interior, pelo fato de haver uma maior quantidade de cenas filmadas dentro da casa, uma vez que o autor propõe transmitir ao seu espectador o cotidiano daquela família, estabelecendo uma relação de intimidade entre ambos. A resposta de P1 ao relato guiado confirma a importância da audiodescrição desse tipo de ambientação.

Acho que é importante porque norteia você a imaginar uma coisa. A hora que ele falou ali, descrevendo a casa, pelo que você percebeu o tipo do quarto dava pra você ver a sala... foi o que me passou uma casa pequena que os ambientes são muito próximos. Então se não tivesse tido essa descrição, talvez eu tivesse imaginado de outra forma. Não tivesse me norteado a ter essa noção desse ambiente. Talvez eu imaginasse parecido, ou imaginasse de uma forma completamente diferente. (P1)

Com relação à localidade, todos afirmaram que o filme se passava no interior, mas P3 foi mais assertivo e descritivo sobre qual era esse lugar.

O filme falava sobre o sertão do Ceará, uma família humilde que morava numa cidade do interior, que teve muita luta, muito esforço pra sobreviver, pra conseguir se manter. O pai ganhava R\$ 0,50 por cada bode que ele levava pra o açougue, por abatedouro e tinha que dá de conta da família dele inteira, a mãe dele, a mãe do Damião, D. Perpétua, a mulher dele, D. Josefa, e os filhos, a Fátima e o Zeca. Então, é uma história que se passa no interior, uma família muito humilde, um caso bem de sertão mesmo de palha bem caricato mesmo do interior, a menina querendo casar pra ir pra cidade, o menino como é pequeno só pensa muito em brincar. A vó, tadinha, ta dodói, ta doente, além de querer casar, costura, ajuda a mãe. Coisa bem caricata mesmo de cenário de interior... algo bem real. (P3)

Além da localização espacial, os quatro participantes classificaram como muito importante a descrição da localização temporal do filme. P1 destaca um momento em que, possivelmente, não tomaria conhecimento do entardecer, se não fosse pela audiodescrição, enquanto que P3 considera importante a informação sobre o tempo em que se passa a cena para que possa entender o contexto da mesma.

[...] eu acho que existem certos momentos do filme, que tipo assim o pôr-do-sol, se não tivesse audiodescrição taria [sic] em relação ao tempo perdida, não saberia se estaria entardecendo ou amanhecendo, então isso meio que localiza você dentro do tempo do filme. (P1)

Vai chegar do nada, enfim, você dizer que o povo acorda. Sim, e tão fazendo o que? É de dia, de noite, de madrugada? O que é que esse povo tá fazendo? Enfim, assim, o Zeca dorme. Esse menino tá dormindo de dia, tá dormindo de noite? Enfim, o tempo que está se passando a história diz muita coisa. (P3)

Já P4 chamou a atenção para períodos específicos do dia, em que seria impossível relacionar as ações com o tempo em que a cena se passa sem a localização temporal contemplada pela audiodescrição.

Porque só pelo som não dá pra você identificar todos os ambientes de acordo com o tempo, não pra você saber se é dia... dia e noite até que dar, mas manhã e tarde é mais complicado. O chocalho do bode, por exemplo, quando o cara tava tangendo não dava pra saber se era de manhã ou se era de tarde, se tava indo ou voltando. (P4)

Assim, todos os participantes, sem diferenciação de grupo, valorizaram tanto a localização espacial, quanto a localização, considerando-as fundamentais para a compreensão do contexto do filme, para além da informação pontual de cada cena.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a recepção de um filme com características tão peculiares quanto *O Grão*, nos leva a crer que a audiodescrição não somente possibilitou o acesso dos participantes com deficiência visual dessa pesquisa ao cinema de arte nacional, mas garantiu a fruição prazerosa da obra, dada a identificação dos participantes com os personagens, os locais em que se passam as cenas e o desenho das ações. Percebe-se neste trabalho de promover a acessibilidade das pessoas com deficiência visual ao cinema brasileiro por meio da audiodescrição, que há uma grande possibilidade de que essa parcela da população se aproprie do cinema nacional, valorizando muito mais sua própria cultura do que outras que vêm a reboque na imensa produção cinematográfica estrangeira que “invade” nosso país todos os anos.

Além disso, vimos que nos relatos retrospectivos e nas respostas comentadas dos relatos guiados que os participantes nutrem um apreço por filmes que fogem ao contexto cosmopolita em que vivem hoje, valorizando a vida tranquila no campo, com suas paisagens e de seu modo de vida simples e pitoresco.

Por fim, cumpre dizer que um filme com tantos planos com câmera fixa, cuja narrativa cadenciada propõe percebermos as micro relações dos personagens com eles mesmos e com os demais, sempre envolvidos em ações próprias, é o tipo de filme em que as informações mais importantes sobre os personagens e suas ações e a ambientação ficarão fora de alcance da audiência com deficiência visual caso não haja a mediação da audiodescrição com a riqueza de detalhes e o equilíbrio que o roteiro feito para *O Grão* apresentou.

REFERÊNCIAS

BALLESTER, A. “Directores em La sombra: personajes y su caracterización em el guión audiodescrito de ‘Todo sobre mi madre’”. In: JIMENEZ Hurtado, C. *Traducción y acessibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual*. Frankfurt: Peter Lang, 2007, p. 133-152.

BRAGA, K. B. *Cinema Acessível para Pessoas com Deficiência Visual: A Audiodescrição de O Grão de Petrus Cariry*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BRAGA, K.B. “Filme de arte acessível: a audiodescrição de *O Grão*”. In: ARAÚJO, V.L.S.; ADERALDO, M.F. *Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil*. Curitiba: CRV, 2013, 135-150.

CARIRI, P. *O Grão*. Filme de 88 minutos produzido pela Iluminura filmes (2007).

JIMÉNEZ HURTADO C. “Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción”. In: HURTADO, C. J. *Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual*. Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 55-80.

JIMENEZ-HURTADO, C.; RODRÍGUEZ, A.; SEIBEL, C.; Un corpus de cine. Fundamentos teóricos de la audiodescripción. *Um corpus de cine Teoría y práctica de la audiodescripción*. Granada: Ediciones Tragacanto, 2010,13-110.

MASCARENHAS, R.O. “A narrativa audiovisual recriada na audiodescrição. Uma proposta de tradução para a minissérie policial *Luna Caliente*”. In: *Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil*. Curitiba: CRV, 2013, 185-200.

MASCARENHAS, R. O. “O gênero policial audiodescrito: um estudo comparativo das estratégias discursivas de dois roteiros para traduzir uma cena de suspense”. ADERALDO, M.F.; Dantas, J.F.; Mascarenhas, R.; Araújo, V.L.S. *Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição*. Natal: EDUFRN, 2016, 163-191. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22612>>. Acesso em 26 mai. 2017.

SEOANE, A. F. “A audiodescrição do filme *Corisco e Dadá*”. In: ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ADERALDO, Marisa Ferreira. *Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil*. Curitiba: CRV, 2013, 101-120.

VANOYE, F., GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.

Klístenes Bastos Braga
KB Braga@hotmail.com

Vera Lúcia Santiago Araújo
MVeraInnerlight@gmail.com

Jefferson Fernandes Alves
JFA_Alves@msn.com

Recebido em: 23/9/2017

Aceito em: 11/2/2018

Publicado em Abril de 2018